

# IGREJA VIVA

QUINTA-FEIRA • 02 DE OUTUBRO DE 2014

**Diário do Minho**

Este suplemento faz parte da edição n.º 30452 de 02 de Outubro de 2014, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

DOSSIER

## “ESTA ECONOMIA MATA”

A ECONOMIA CIVIL, A ECONOMIA DE COMUNHÃO E O MICROCRÉDITO EM CONFRONTO COM UMA ECONOMIA DE EXCLUSÃO E DE DESIGUALDADE SOCIAL

ENTREVISTA

**CARLA MARTINS**

MESTRE EM ECONOMIA SOCIAL



“

**O ACESSO AO CRÉDITO COMBATE A POBREZA**

P.4-5



# “ESTA ECONOMIA MATA”

PAPA FRANCISCO  
IN EVANGELII GAUDIUM

TEXTO: DACS

O Papa Francisco veio alertar, com a sua Exortação Apostólica «Evangelii Gaudium», para alguns desafios que o mundo actual enfrenta. «Não a uma economia de exclusão» foi o primeiro apelo lançado pelo Papa tendo em conta esses mesmos desafios. A economia actual é descrita na Exortação Apostólica como uma economia de exclusão e de desigualdade social, uma economia que «mata».

A verdade é que o mundo enfrenta neste momento uma fase de inegável turbulência a nível social, cultural e económico. Nas últimas décadas, os modelos sociais vigentes pautaram-se pela ideologia do lucro, esquecendo alternativas que procuram uma sociedade equilibrada com a inclusão e participação de todos os indivíduos na luta pelo bem comum.

## A economia civil

Carmine Tabarro, membro da Comunidade Católica Shalom, é formado em Direito, com especialização em Economia, na Universidade «La Sapienza», em Roma. Em 2011 escreveu o livro «Da sociedade de risco à economia civil». A prática apresentada na obra remonta aos princípios apresentados pela escola económica franciscana, que propunha um capitalismo que conjugasse a fraternidade, a gratuidade e uma reciprocidade não instrumental. De acordo com Tabarro,

o que se encontra escrito no seu livro é exactamente aquilo que professa a Doutrina Social da Igreja. Também já Bento XVI havia abordado o mesmo assunto na sua encíclica «Caritas in Veritate».

Na actual concepção capitalista, o objecto de aspiração é o lucro. Na proposta de economia civil de Tabarro, o objectivo passa por combinar o lucro com valores como a generosidade, a fraternidade, o bem comum, as virtudes cívicas, o doar e o incluir. Estas condições fazem com que o lucro assuma uma nova faceta, a do bem

## ECONOMIA CIVIL

Adidas, Nike, Coca-Cola e o McDonalds são grandes multinacionais que, de acordo com Carmine Tabarro, já adoptaram o conceito de economia civil. Para além de serem geradores de riqueza, criam também uma certa imagem e reputação. Estes bens intangíveis permitem às empresas ultrapassar períodos de grande crise ou risco. Estas aliaram-se ao Centro Ecuménico de Responsabilidade Corporativa, entidade que se esforça por promover a justiça social nas Assembleias Gerais de Accionistas.



comum. E se o bem comum aumenta, cresce também o bem estar de toda uma comunidade.

Uma das pretensões da economia civil de mercado é, portanto, a capacidade de competir e cooperar em função da sociedade em geral e não em função de indivíduos únicos. Esta afirmação tem vindo a ser cada vez mais confirmada por alguma literatura científica que demonstra como a capacidade da boa cooperação e da boa concorrência podem resultar numa «boa» economia.

Outra das propostas da economia civil passa pelo esforço da inclusão dos desempregados no mercado de trabalho. A ser posta em prática, tratar-se-ia de uma medida de carácter activo e vinculativo, impulsionando a economia e, por consequência, os respectivos lucros, contrariando a tendência de medidas assistencialistas a que temos vindo a assistir.

## A economia de comunhão

O economista italiano Stefano Zamagni é um dos maiores estudiosos do conceito de economia civil. Para o economista, um dos pilares fundamentais deste conceito é o da reciprocidade: «dar sem perder e receber sem tirar». Um dos exemplos que neste fenómeno se insere perfeitamente é o das empresas de economia de comunhão.

O Projecto de Economia de Comunhão na Liberdade (EdC) nasceu com o

## VALORES DA ECONOMIA DE COMUNHÃO

NOBREZA DE VALORES E MISSÃO

PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS

RESULTADOS PARTILHADOS COM O EXTERIOR

COMPROMISSO COM A CIDADANIA

SAÚDE FINANCEIRA DA EMPRESA E CLIENTES

HARMONIA NAS RELAÇÕES INTERNAS

DESENVOLVIMENTO E PESQUISA CONTÍNUOS

Movimento dos Focolares e a sua fundadora, Chiara Lubich. Quando Chiara se confrontou com as abissais desigualdades sociais existentes, sentiu necessidade de propor um novo paradigma económico que resgatasse os valores humanitários e as condições do indivíduo na sociedade. Assim surgiu a economia de comunhão, assente numa cultura que substitui a cultura dominante do «ter» por um cultura do «dar» e da reciprocidade.





## ECONOMIA DE COMUNHÃO

A Faria & Irmão, empresa de cariz familiar, fundada em 1957, situa-se em Leiria e produz moldes de plástico para calçado. A administração e os colaboradores tentam com que todos os dias a Faria & Irmão seja um local onde, apesar de quaisquer adversidades, se respire liberdade, criatividade, paz, trabalho, solidariedade. Com a sua estruturação alicerçada nos valores da economia da comunhão, a empresa continua a ser lucrativa. Ainda assim, a “pessoa humana” continua a ser o maior interesse da empresa.

A empresa Prodiet Farmacêutica, no Brasil, é uma organização familiar que comercializa e distribui produtos hospitalares e nutritivos para crianças e atletas. Foi fundada em 1989, altura em que o país passava por uma grande crise económica, com grande inflação e instabilidade política. Em 1992 aderiram à EdC, tendo posteriormente alcançado um grande aumento de facturação. Devido à imagem e reputação que a empresa foi construindo através da EdC, saiu incólume das crises que abalaram o sector farmacêutico.

As empresas de economia de comunhão vieram desvincular-se da visão puramente económica dos negócios, da ideologia cega da produtividade e dos valores do consumismo desenfreado, preferindo, ao invés disso, observar cuidadosamente as necessidades humanas no trabalho e na vida como um todo. Estas empresas são, desta forma, entendidas não apenas como instrumentos geradores de emprego e riqueza, mas também como distribuidores de riqueza por intermédio do lucro. Os benefícios obtidos através da actividade empresarial são destinados ao reinvestimento na própria empresa, à ajuda aos mais necessitados e à formação de pessoas que continuem a praticar o mesmo estilo de vida.

As empresas que praticam a Economia de Comunhão procuram, sobretudo, «humanizar» a economia, fazendo da actividade económica um lugar de comunhão onde todos os indivíduos, os que têm bens e oportunidades e aqueles que não as possuem, comungam e partilham desses mesmos bens.

### O problema das medidas assistencialistas

O flagelo do desemprego é um fenómeno que tem atormentado Portugal nos últimos anos. De acordo com os recentes dados revelados pelo Eurostat, a taxa de desemprego em Portugal caiu de 16,1%, em Agosto

de 2013, para 14% no mês passado, o que representa a segunda maior descida da União Europeia, superada apenas pela recuperação da Hungria. Ainda assim, a taxa de desemprego de Portugal continua acima da média, apresentando a quinta maior taxa da zona euro.

Só um crescimento económico devidamente sustentado e orientado poderá ser capaz de dar resposta a este problema, equilibrando a balança comercial em termos de produção e consumo. À medida que o desemprego e a pobreza aumentam, também as medidas assistencialistas se expandem. Embora sejam necessárias e úteis, de forma a responder às necessidades imediatas dos mais carenciados, trazem consequências nefastas para a economia. As medidas assistencialistas não eliminam o problema, diminuem-no. Organizações e instituições não têm mãos a medir com a quantidade de pedidos de ajuda aos quais já não conseguem corresponder por falta de capacidade de resposta.

No início do ano de 2013, Alfredo Bruto da Costa, antigo Ministro da Coordenação Social e dos Assuntos Sociais, fazia um ensaio sobre o ano que se encontrava pela frente. Sobre as medidas assistencialistas, afirmou Bruto da Costa: «Importa que sejamos claros: medidas e políticas assistencialistas, embora insuficientes, são necessárias, na ausência de outras mais humanas e ditadas pela justiça. É preciso que se continue a fazer o que se faz e que se faça mais, mesmo que na mesma linha. O drama está em considerar o existencialismo como um ideal que enobrece os governos».

Será que a ausência citada por Bruto da Costa será mesmo imperativa? Não existirão outras medidas capazes de ajudar a combater a pobreza e exclusão social que não passem somente pela assistência e antes pela inclusão e prevenção?



**A ECONOMIA CIVIL,  
A ECONOMIA DE  
COMUNHÃO E O  
MICROCRÉDITO,  
EMBORA COM MATRIZES  
E CARACTERÍSTICAS  
DIFERENTES,  
POSSUEM GRANDES  
SEMELHANÇAS NO QUE  
TOCA AOS OBJECTIVOS A  
CONSEGUIR.**

### O caso do microcrédito

Nos anos 70, no Bangladesh, Muhammad Yunus deparou-se com as dificuldades de pessoas carenciadas em obterem pequenos créditos que lhes permitissem colmatar algumas das suas dificuldades. Por não poderem dar qualquer tipo de garantias reais, os bancos negavam-lhes qualquer tipo de empréstimo.

Yunus criou, em 1976, o conceito de microcrédito e, com ele, a mais bem sucedida experiência a este nível no mundo. Criou o Banco Grameen e conseguiu melhorar as condições de vida de cerca de 7 milhões de beneficiários, com um índice de inadimplência pouco superior a 1%.

Em 2006, Yunus e o Banco Grameen foram laureados com o Prémio Nobel da Paz pela luta por uma economia mais justa para os mais desfavorecidos.

Em Portugal, o microcrédito tem vindo a crescer substancialmente. A Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) foi a entidade pioneira do microcrédito no país. A associação privada sem fins lucrativos apoia gratuitamente quem tem uma boa ideia e quer iniciar um negócio. Durante os últimos três anos foram cerca de 400 os pequenos novos negócios a serem criados em Portugal com a ajuda do microcrédito.

Em declarações ao Jornal Público, a ANDC afirmou ter registado «1472 novas candidaturas ao microcrédito até ao final de Agosto deste ano, um acréscimo de 32% em relação ao período homólogo de 2013».

O microcrédito insere-se assim no conceito a que podemos chamar de empreendedorismo, com indivíduos com poucos ou nenhuns recursos a consegui-los e a transformá-los. Essa transformação passa pela criação do próprio emprego e pela criação de um negócio, garantindo desta forma a auto-suficiência do indivíduo e a sua contribuição activa para a sociedade.

A economia civil, a economia de comunhão e o microcrédito, embora com matrizes e características diferentes, possuem grandes semelhanças no que toca aos objectivos a conseguir. Todos tentam, através das suas acções, contribuir positivamente para o combate à exclusão económica e social. Ao concederem a oportunidade de inclusão no circuito económico aos indivíduos abrangidos por estas medidas e práticas, acabam por ir ao encontro das palavras do Papa Francisco: «o dinheiro deve servir, e não governar!».



# “O ACESSO AO CRÉDITO COMBATE A POBREZA”

CARLA MARTINS LICENCIOU-SE E TIROU UM MESTRADO EM ECONOMIA SOCIAL NA UNIVERSIDADE DO MINHO. A TESE, FOCADA NO MICROCRÉDITO, VALEU-LHE O PRÉMIO DE MELHOR MESTRADO EM ECONOMIA SOCIAL. À IGREJA VIVA CARLA MARTINS EXPLICOU EM QUE CONSISTE O MICROCRÉDITO E OS BENEFÍCIOS QUE DELE PODEM ADVIR.

TEXTO: DACS FOTOS: DACS

**Porquê enveredar por um mestrado em economia social? Porquê o microcrédito para tema de tese?**

O mestrado em economia social foi um desafio. A economia social, para mim, é emergente, é um tema actual. É necessário haver cada vez mais estudos nessa área de modo a melhorar depois as condições de vida das pessoas. Aquilo que a economia social pretende transmitir foi o que me levou a escolher o mestrado. No que diz respeito ao tema da tese já tenho

**“O microcrédito é um instrumento de ajuda. Os agiotas não são um instrumento de ajuda, antes pelo contrário”**

que agradecer aos professores (risos). Os docentes do mestrado dão imensas ideias, inúmeras ideias aos alunos, enquanto estamos a pensar numa, surge logo outra. O microcrédito foi uma das ideias que os próprios professores transmitiram. Dada toda a história, e depois de ler um bocadinho sobre a fundação do microcrédito, escolhi-o como tema para a minha tese e apliquei-o no caso português.

**Tendo em conta o panorama actual, é necessário que as pessoas passem a ter uma maior noção sobre aquilo que é a economia social?**

As pessoas cada vez mais estão a ter. Quando saímos à rua acho que ninguém fica indiferente àquilo que nos envolve. E a economia social, uma vez que pretende que sejam suprimidas determinadas necessidades da população, faz com que todos nós queiramos estar ainda mais atentos ao que nos rodeia. Não só a isso mas também às alternativas, às soluções que podemos encontrar para os problemas que nos rodeiam, como é o caso do desemprego e da exclusão social, áreas que a economia social pretende resolver.

**O que é o microcrédito?**

O microcrédito é uma modalidade de crédito concedida a pessoas empreendedoras que se encontram em situações frágeis, quer a nível económico, social e financeiro, e que, de outra forma, se não fosse pelo microcrédito, não teriam acesso ao crédito tradicional, na banca tradicional. Não reúnem condições para esse acesso tradicional, mas têm capacidades empreendedoras. Têm iniciativa, têm vontade de melhorar as próprias fragilidades em que vivem.

**As pessoas são depois acompanhadas de alguma forma?**

Sim, são acompanhadas. A actividade do microcrédito em Portugal baseia-se na Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC), que foi quem também me apoiou na elaboração da tese. Existe um perfil que é efectuado através de um questionário realizado ao empreendedor para ver se ele reúne ou não as condições necessárias para aceder ao microcrédito. Serve também para perceber se o projecto é viável ou não económica e financeiramente.

**O microcrédito pode ser visto como a concretização da expressão “dar a cana e ensinar a pescar o peixe”?**

Sim, é um bocadinho por aí, as pessoas não têm capacidade de ir à banca tradicional mas têm a ideia. São proactivas, são empreendedoras, têm uma ideia e precisam de recursos. O microcrédito fornece-lhes esse recurso.

**De que forma pode ser visto como função social?**

Uma pessoa está numa situação débil, está numa situação frágil, em que até é possível que receba subsídios estatais ou donativos de cariz social,

de alguma instituição... A partir do momento em que essa pessoa tem um projecto, uma ideia, e consegue dar viabilidade a essa ideia de negócio, deixa de ter um papel passivo na sociedade e passa a ter um papel activo. Aquele que até agora era consumidor de riqueza - todos nós contribuíamos com o produto do nosso trabalho para que ele pudesse receber um subsídio, por exemplo - agora que tem o seu negócio, é contribuinte activo para a segurança social, para as finanças e para a própria sociedade.

**Dentro do empreendedorismo, há outras medidas para além do microcrédito que podem ajudar a combater a pobreza e o desemprego?**

O empreendedorismo é a capacidade de nós conseguirmos, em jeito muito prático, dar a volta por cima, encontrar uma fragilidade e dar a volta por cima. É sempre bom criar algo novo. Sei que existem outras soluções que combatem a pobreza ou a exclusão social, como por exemplo a Habitação Social, ou o próprio salário mínimo. Mas nenhuma delas tem um carácter empreendedor, um carácter activo. São situações passivas, qualquer coisa que vamos recebendo para melhorar a nossa condição de pobreza, mas não com um carácter de “deitar as mãos







para a frente” e lutar por aquilo que queremos.

### **O microcrédito poderá ajudar a combater a proliferação de “agiotas” numa altura de crise?**

Nem todos os negócios propostos ao microcrédito são viáveis. Nem todos somos empreendedores, nem todos temos a capacidade de mudar a nossa situação. Para quem está minimamente informado, e efectivamente tem uma ideia empreendedora e um negócio que acha que vai ser sustentável, os agiotas acabam por perder o seu “terreno”, digamos assim. Para quem não reúne estas condições, e todos nós conhecemos algumas destas situações, os agiotas podem desempenhar um papel na sociedade em que prejudicam as pessoas em vez de as ajudar. O microcrédito é um instrumento de ajuda, os agiotas não são um instrumento de ajuda, antes pelo contrário.

### **Até que ponto é importante o microcrédito para o desenvolvimento humano?**

O microcrédito dá ao indivíduo “empowerment”, dá-lhe capacitação. Uma situação é um indivíduo que não tem autonomia nenhuma, não tem qualquer tipo de poder na sociedade, é quase invisível aos nossos olhos. O microcrédito faz com que através

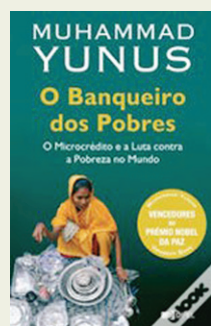
***“O microcrédito faz com que o indivíduo, através do negócio, tenha autonomia, faz com que tenha uma palavra a dizer”***

do negócio, ele tenha autonomia, financeira ou social, faz com que ele tenha uma palavra a dizer. Deixa efectivamente de ser invisível aos olhos dos outros. É sempre uma tarefa que no desenvolvimento humano é boa para o indivíduo e para a sociedade no seu todo.

### **Isso quer dizer que os benefícios do microcrédito se podem alastrar à sociedade em geral...**

Sem dúvida nenhuma! Eu não estou a dizer que o microcrédito é um sonho, porque não é, é preciso existir trabalho e existir ideias... E criar algo novo é sempre difícil. Mas as vantagens do microcrédito não se traduzem única e exclusivamente no indivíduo, traduzem-se na sociedade em geral. Porque ele diminui o desemprego, contribui para as finanças públicas e contribui para a sociedade toda em geral. O indivíduo tem uma autonomia que até lá não tinha.

## **MUHAMMAD YUNUS O BANQUEIRO DOS POBRES**



Depois da sua experiência, Muhammad Yunus escreveu um livro que foi um caso de autêntico sucesso, com milhares de exemplares vendidos em todo o mundo. Na primeira parte da obra, Yunus descreve os motivos que o levaram a desenvolver a ideia do microcrédito. Trata-se de uma espécie de biografia que descreve os passos de Yunus até ter conseguido implementar a sua ideia. Já numa segunda parte, o autor explica em pleno o funcionamento do processo do microcrédito, descrevendo como foi implementado no Bangladesh. Yunus conclui o livro com uma visão abrangente sobre a economia e demografia mundiais, sugerindo formas para atenuar e combater a pobreza.

## **QUEM É MUHAMMAD YUNUS**

Muhammad Yunus formou-se em economia no Bangladesh e doutorou-se nos Estados Unidos da América. Em 1976 apercebeu-se de grandes dificuldades que assolavam os aldeões de uma pequena aldeia do Bangladesh. Yunus foi concedendo pequenos empréstimos que ajudaram quem não tinha acesso à banca tradicional a sair de situações altamente carenciadas, constituindo os seus próprios negócios. Recebeu todo o dinheiro que emprestou. O economista fundou então o Banco Grameen, que concede empréstimos sem garantias e que é sobretudo procurado por mulheres. Em 2006, Yunus e o Banco foram premiados com o Prémio Nobel da Paz.



### **O microcrédito poderá conferir uma certa ilusão à pessoa que dele usufrui, como por exemplo dar-lhe a sensação de um certo estilo de vida que pode não conseguir comportar?**

Eu tenho ideia que não, acho que as pessoas têm de pensar antes de dar o passo. E o microcrédito é avaliado, a ideia de negócio é avaliada em termos de viabilidade económica. É lógico que não se pretendem lucros enormes, pelo menos numa fase inicial, que se destina ao auto-emprego da pessoa. Penso que não há ilusão porque o processo de microcrédito vai sendo acompanhado e as pessoas sabem que, no final, têm de pagar. Estamos a falar de valores de microcrédito que também não são muito elevados, por isso também não dá para fazer uma vida de rei ou rainha. Tenho ideia que não. As pessoas sabem que têm de pagar e o microcrédito sustenta-se nesse pressuposto. É lógico que há um ou outro caso em que isso não acontece, mas o objectivo é mesmo esse, poder dar a volta por cima mas cumprindo, senão o negócio também não é viável.

### **Porque serão mais as mulheres a recorrer ao microcrédito?**

Em Portugal a diferença não é muita, são 53% de mulheres e 47% de homens.

Já no Bangladesh, onde foi criado o conceito de microcrédito, a diferença é significativa. Até porque lá o papel das mulheres era unicamente no seio familiar, nunca no seio da sociedade ou dos negócios. No Bangladesh, o conceito de microcrédito que Yunus formou, possibilitou uma pequena mudança nesse sentido. As mulheres através de pequenos negócios, de pequenas ideias, conseguiram assumir um papel maior na própria sociedade e não apenas no cariz familiar.

### **Concorda com Yunus quando ele diz que é impossível ter paz com pobreza?**

Ele também disse que a pobreza era a ausência de qualquer direito humano. Concordo. O acesso ao crédito acaba por combater (ou pelo menos tentar!) a pobreza, o que vai fazer com que a pobreza já não seja visível no próprio direito humano. Concordo que quando saímos à rua e vemos determinadas situações de pobreza e exclusão social, não ficamos contentes, não ficamos em paz connosco. Por isso acabo por concordar com ele, mais na parte da própria pobreza ser a ausência dos direitos humanos e não tanto na questão da paz.

### **Yunus também afirmou que o acesso ao crédito deveria ser um direito humano...**



Acaba por ser um direito porque ninguém deve ser pobre. E a questão da pobreza é um conceito muito abrangente. É muito amplo, tem diversas conotações. Na minha ideia, a pobreza tem a ver com a privação de resposta às necessidades humanas. Como o ideal seria não haver ninguém sem resposta às suas necessidades humanas, a própria concessão do crédito deveria ser um direito humano, até porque é para virar um bocadinho a página: de uma situação menos boa ou má para uma situação melhor.

### Qual é o tipo de pobreza que predomina actualmente em Portugal?

Penso que a nossa falta de resposta às necessidades, neste momento, diz respeito ao emprego. Não se vê aquela pobreza absoluta, como muitos autores defendem, que é mesmo a falta daquelas necessidades básicas de higiene, conforto e alimentação... Não é essa pobreza, penso eu, que ainda se verifica em Portugal. No caso português eu acho que é a falta de resposta ao desemprego.

### Toda a economia deveria ser solidária?

Isso acaba por ser um pouco uma utopia. Cada vez mais deve ser solidária e deve ser social, de modo a poder responder às necessidades que os cidadãos e os indivíduos têm. Toda deveria... mas não é! E se calhar nunca chegará a ser. Mas neste momento já se vêem cada vez mais empresas e instituições com um carácter de economia mais social, uma economia solidária. Procuram não apenas os lucros económicos mas também aplicam parte desses lucros no que diz respeito a responder a determinadas necessidades da população.

### Esse tipo de economia poderá ser a chave para o impulsionar da economia actual?

Sim, se cada vez mais as empresas privadas apostassem em dar parte dos seus lucros, nem era preciso muito, acabaria por ajudar a situação económica do país.



«O MICROCRÉDITO DÁ AO INDIVÍDUO "EMPOWERMENT", DÁ-LHE CAPACITAÇÃO.»



«AS PESSOAS EMPREENDEDORAS TÊM INICIATIVA, TÊM VONTADE DE MELHORAR AS PRÓPRIAS FRAGILIDADES EM QUE VIVEM»



"JÁ SE VÊEM CADA VEZ MAIS EMPRESAS E INSTITUIÇÕES COM UM CARÁCTER DE ECONOMIA MAIS SOCIAL, UMA ECONOMIA SOLIDÁRIA"

## IGREJA VIVA: JORNALISMO ARTESANAL



### TIAGO FREITAS

Alguma vez imaginaram o mundo da comunicação sem pessoas? Estou certo que para alguns esta seria uma realidade impossível e até indesejada. Outros, todavia, começaram já a ensaiar contextos onde o impossível e indesejado é possível e até desejado. À cabeceira da decisão estão critérios financeiros. Reduzir custos é a palavra de ordem. Há dias, o Mons. Edoardo Viganò, director do Centro Televisivo do Vaticano, dizia com muito humor à mistura que devemos "fazer sempre o máximo, do melhor modo possível, gastando o mínimo e, se possível, conseguir que outros paguem". Grandes grupos da comunicação como a *Associated Press* ou o *New York Times* inauguraram recentemente os *journobots*, isto é, «jornalistas robotizados» com a capacidade de escrever notícias de 150 a 300 palavras sem qualquer interacção humana. São usados para escrever relatórios financeiros, resultados desportivos e até anúncios de casamentos. «A nossa tecnologia chega a lugares onde os humanos não conseguem», explicou James Kotecki, director da empresa *Automated Insights*.

O que distingue, então, a comunicação robotizada da comunicação clássica? Creio ser a intencionalidade. Escolher um ponto de vista em detrimento de outro, entrevistar a pessoa A no lugar da B, publicar uma notícia ou não. São pequenos detalhes, porventura marginais, mas determinantes (por vezes condicionantes) para a qualidade da notícia. É, no fundo, isto o que distingue uma peça de música executada por um pianista ou então por um sintetizador automático. Em linguagem teológica, poderíamos usar o conceito de martírio. Não porque trabalhar na comunicação seja penoso (ainda que por vezes seja intenso), mas principalmente porque a comunicação em Igreja deve ser

evangelizadora e testemunhal (mártir significa testemunha). Por outras palavras, uma comunicação eclesial propositiva, intencional, profissional e humana. A nova fase que agora damos início no *Igreja Viva* pretende alicerçar-se nestes critérios.

Em primeiro lugar, queremos prestar homenagem a quantos sonharam, criaram e concretizaram o *Igreja Viva* durante décadas. Este é e será cada vez mais um projecto colaborativo. Não menciono nomes por medo de esquecimento.

Em segundo lugar, um projecto propositivo. Ter um suplemento enquadrado no *Diário do Minho* é um privilégio e um "descanso". Digo isto porque o DM faz um excelente trabalho na cobertura do noticiário religioso, o que nos permite explorar outras áreas menos informativas.

O cristianismo é uma religião entranhada na História. Compete-nos, enquanto cristãos, reflectir criticamente, trazer para o debate e antecipar temáticas do interesse comum e oferecer à sociedade uma perspectiva cristã da realidade. Esta edição é disso um exemplo. Abrimos com um artigo de fundo sobre realidades económicas alternativas à chamada *recaída favorável* denunciada pelo Papa Francisco. Continuaremos com esta metodologia na primeira quinta-feira de cada mês. Por último, um projecto de evangelização. No decurso deste ano pastoral, o *Igreja Viva* – em sintonia com o plano pastoral da arquidiocese – irá debruçar-se sobre quatro temáticas: **economia, cultura, política e família**. Um trimestre dedicado a cada uma delas, começando pela economia. O leitor terá a oportunidade de ler artigos de fundo, entrevistas e comentários sobre temas satélite destas áreas. Porque dizemos ser um projecto de evangelização? Porque a alma e os valores do cristianismo têm a força de transformar para melhor os ambientes concretos do nosso quotidiano. Pressuposto para isso é despirmonos de preconceitos e não relegar a religião para a sacristia. Queremos também, como foi dito, abrir o *Igreja Viva* a novos colaboradores e temáticas. Idealizamos, para isso, uma nova coluna semanal de cultura (arte/arquitectura, cinema e literatura) e outra de banda desenhada infantil. Brevemente, também o espaço da liturgia será enriquecido com sugestões de cânticos, arranjos florais e orações universais. Estamos certos que este será um excelente instrumento de apoio à pastoral. Regresso ao meu ponto de partida. Já imaginaram o mundo da comunicação sem pessoas? Ainda que fosse possível, certamente não seria o desejável. Nem é isso o que aqui desejamos. *Igreja Viva* é um projecto de pessoas para pessoas, de muitos colaboradores para o leitor... e do leitor.



VEJA OS MELHORES MOMENTOS DA ENTREVISTA EM VÍDEO

[www.diocese-braga.pt](http://www.diocese-braga.pt)

[www.youtube.com/diocesebraga](http://www.youtube.com/diocesebraga)



## LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 5, 1-7

Leitura do livro de Isaías

Vou cantar, em nome do meu amigo, um cântico de amor à sua vinha. O meu amigo possuía uma vinha numa fértil colina. Lavrou-a e limpou-a das pedras, plantou-a de cepas escolhidas. No meio dela ergueu uma torre e escavou um lagar. Esperava que viesse a dar uvas, mas ela só produziu agraços. E agora, habitantes de Jerusalém, e vós, homens de Judá, sede juízes entre mim e a minha vinha: Que mais podia fazer à minha vinha que não tivesse feito? Quando eu esperava que viesse a dar uvas, porque é que apenas produziu agraços? Agora vos direi o que vou fazer à minha vinha: vou tirar-lhe a vedação e será devastada; vou demolir-lhe o muro e será espeznhada. Farei dela um terreno deserto: não voltará a ser podada nem cavada, e nela crescerão silvas e espinheiros;

e hei-de mandar às nuvens que sobre ela não deixem cair chuva. A vinha do Senhor do Universo é a casa de Israel e os homens de Judá são a plantação escolhida. Ele esperava rectidão e só há sangue derramado; esperava justiça e só há gritos de horror.

LEITURA II Filip 4, 6-9

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos: Não vos inquieteis com coisa alguma. Mas, em todas as circunstâncias, apresentai os vossos pedidos diante de Deus, com orações, súplicas e acções de graças. E a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus. Quanto ao resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro e nobre, tudo o que é justo e puro, tudo o que é amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno

de louvor é o que deveis ter no pensamento. O que aprendestes, recebestes, ouvistes e visteis em mim é o que deveis praticar. E o Deus da paz estará convosco.

EVANGELHO Mt 21, 33-43

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: «Ovi outra parábola: Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar e levantou uma torre; depois, arrendou-a a uns vinhateiros e partiu para longe. Quando chegou a época das colheitas, mandou os seus servos aos vinhateiros para receber os frutos. Os vinhateiros, porém, lançando mão dos servos, espancaram um, mataram outro, e a outro apedrejaram-no. Tornou ele

a mandar outros servos, em maior número que os primeiros. E eles trataram-nos do mesmo modo. Por fim, mandou-lhes o seu próprio filho, dizendo: ‘Respeitarão o meu filho’. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro; matemo-lo e ficaremos com a sua herança’. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no. Quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?». Eles responderam: «Mandarà matar sem piedade esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos a seu tempo». Disse-lhes Jesus: «Nunca lestes na Escritura: ‘A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos’? Por isso vos digo: Ser-vos-á tirado o reino de Deus e dado a um povo que produza os seus frutos».



## A IGREJA ALIMENTA-SE DA PALAVRA



O cântico de Isaías (primeira leitura) e o salmo responsorial espelham o simbolismo da vinha, em sintonia com o evangelho deste e dos últimos domingos. São textos que nos fazem mergulhar na história de amor entre Deus e o seu povo, como um vinhateiro ama a sua vinha (primeira leitura); um amor que nunca falha, apesar da permanente infidelidade do povo. É um amor que procura sempre a salvação e que, por isso, vai até ao fim, mesmo quando os seres humanos cometem o pior de todos os crimes (evangelho). Sim, para nos salvar, Jesus Cristo dá a sua vida. Pelo sangue derramado na cruz, obtém para nós «a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência», motivo pelo qual temos de dar graças

«em todas as circunstâncias» (segunda leitura).

«Esperava que viesse a dar uvas» Os versos da primeira leitura resumem a longa história entre Deus e o seu povo, que começa com afeto e ternura — as prodigiosas intervenções salvíficas na vida de Israel — e acaba com severidade e desgraça — o castigo do exílio. A passagem de uma situação a outra acontece por causa da atitude recalcitrante de Israel em dar bons frutos.

É certo que, no início, o autor do poema permanece um desconhecido: é alguém que canta «em nome do meu amigo». Mas, no final, ficamos a saber que esse «amigo» é o próprio Deus, já que «a vinha do Senhor do Universo é a casa de Israel». Ora, o dono fez tudo o que podia, com uma devoção e um trabalho sem medida, para proporcionar o melhor; mas não obteve o

resultado pretendido: «esperava que viesse a dar uvas». Então, abandonou totalmente aquela terra, tal como veio a suceder ao povo de Judá aquando do exílio para a Babilónia.

A explicação final permite perceber que os frutos pretendidos eram a «rectidão» e a «justiça»; mas o resultado foi «sangue derramado» e «gritos de horror».

Jesus Cristo utiliza também o simbolismo da vinha (evangelho), glosando o texto de Isaías, que denuncia o povo pela sua infidelidade a Deus. Esta é uma temática atual, que me interroga sobre a minha vida. Não é a mesma coisa acolher Deus ou recusar a sua presença. Não é a mesma coisa viver segundo o amor, interessando-me por «tudo o que é verdadeiro e nobre, tudo o que é justo e puro, tudo o que é amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor» (segunda leitura), do que viver excluindo da

minha vida Aquele que é a fonte do Amor.

Uma vez que a simbologia da vinha continua no coração da Liturgia da Palavra, mantém-se a sugestão de decorar o espaço litúrgico com motivos relacionados com as vindimas, assim como o uso das uvas na procissão das oferendas.

A «Oração Eucarística IV» («Missal Romano», página 537 e seguintes), que retrata a História da Salvação, é adequada à temática deste domingo: evoca o amor de Deus pelo seu povo, desde os primórdios do Antigo Testamento até aos dias da Igreja. E a importância do tópico da vinha pode justificar a distribuição da comunhão sob as duas espécies: o Pão e o Vinho do Reino.



# Missão

uma paixão por Jesus e por todos

**Dia Mundial das Missões**  
19 Outubro 2014



**ARQUIDIOCESE DE BRAGA**  
**OUTUBRO MISSIONÁRIO**

**dia 09, 19h00** - Seminário de Santiago - Braga  
Encontro Missionário com os seminaristas  
**dia 10, 21h00** - Terceiro e Quarta-feira (VR, Famalicão)  
Encontro de catequistas e responsáveis pela pastoral  
**dia 17, 21:30h** - Santa Paróquia de Famalicão  
Concerto Missionário Solidário pela BANDA MISSO - entrada livre  
**dia 18, 21:30h** - P. N. Famalicão  
Vigília Missionária Arquidiocesana Igreja Matriz (Nova) - D. Jorge Ortiga  
**dia 19, 19h00** - Seminário de Missionários - Comboniense (Vila Verde)  
**dia 25 - Guimarães** - Seminário Verbo Divino - Guimarães  
Encontro com todos os voluntários missionários

mais informações em:  
www.bragamissao.pt  
e-mail: centromissionariobraga@gmail.com  
facebook: centromissionario.arquidiocesadebraga

COMISSÃO EPISCOPAL DAS MISSÕES | Obras Missionárias Pontificias

## MOVIMENTO ECLESIAÍSTICO

Tendo surgido alguns imprevistos e considerando o bem do Povo de Deus, hei por bem proceder às seguintes nomeações:

– P.e Delfim Pinto Coelho, dispensado da paróquialidade de Santa Maria de Panoias, São Paio de Parada de Tibães e São Miguel de Frossos, arceprestado de Braga, e nomeado pároco de Santa Comba de Fornelos, Santa Maria de Aboim e São Bento de Pedraído, arceprestado de Fafe, assim como Capelão do Santuário de Nossa Senhora das Neves.

– P.e Albano de Sousa Nogueira, dispensado da paróquialidade de Santa Comba de Fornelos, Santa Maria de Aboim e São Bento de Pedraído e Capelania do Santuário de Nossa Senhora das Neves, arceprestado de Fafe e nomeado pároco de Santa Maria de Panoias, São Paio de Parada de Tibães e São Miguel de Frossos, arceprestado de Braga.

Braga, 02-10-2014  
† Jorge Ortiga, A.P.

## UM MUNDO, MUITAS GUERRAS

ELIAS COUTO

*Para que o Senhor conceda a paz às regiões do mundo mais afectadas pela guerra e pela violência. [Intenção Universal do Santo Padre para o mês de OUTUBRO]*

As duas primeiras décadas do século XXI têm sido pródigas em conflitos armados, ao ponto de o Papa Francisco falar numa “terceira guerra mundial” aos pedacinhos: no Extremo Oriente, as tensões entre a China e os seus vizinhos vão subindo de tom e o regime lunático da Coreia do Norte continua a caminho de se tornar uma ameaça nuclear para todo o mundo... No Médio Oriente, o antigo conflito israelo-árabe empalidece perante as monstruosidades praticadas na Síria e no Iraque, enquanto o Irão continua a caminho de se tornar uma potência dotada de armas nucleares... Na Europa, é a vez de a Ucrânia conhecer os horrores de uma guerra civil alimentada pela Rússia... Em África, a Líbia desfaz-se às mãos das várias milícias que aí combatem e outros países correm riscos sérios de se verem engolidos pelo vendaval do fundamentalismo islâmico...

Perante tanta violência, a maior parte de nós perguntar-se-á: “Que posso fazer? Não estou numa região em guerra nem tenho poder para influenciar aqueles que podem tentar fazer alguma coisa...”. É importante, antes de mais, não se deixar submergir nem pelo desespero nem pela indiferença. Não se deixar submergir pelo desespero, pois sabemos que a história da humanidade tem vindo a fazer-se assim: a guerra anda a rondar os homens desde que surgiram os primeiros grupos organizados em volta de uma fogueira, no aconchego de uma gruta. Não se deixar submergir pela indiferença, pois o desejo de segurança e paz fez caminho com os homens desde essa mesma altura. O segredo da guerra e da paz está, pois, no coração de cada um. Podemos não conseguir pôr fim à guerra civil na Síria... mas podemos pôr fim às agressões verbais ou mesmo físicas, em casa, na escola, no trabalho... A violência habita cada um de nós, mas podemos não a deixar tomar conta de nós. E esse é o primeiro passo para evitar a guerra. Depois, cada um segundo as suas possibilidades, podemos tentar influenciar aqueles com poder de decisão, levando-os a empenharem-se em tornar mais pacíficas as relações entre os povos.

### ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

O Departamento para a Pastoral Vocacional e as paróquias da cidade retomam, esta quinta-feira, os encontros mensais de oração pelas vocações, programados para a primeira quinta-feira de cada mês, entre Outubro e Junho.

O primeiro encontro é esta quinta-feira às 21.15h, na Igreja Senhora-a-Branca, e será preparado pelos Seminários Arquidiocesanos. Depois percorrerá as paróquias de Santo Adrião, Maximinos, São Vítor, São Lázaro, Sé e São Vicente.

### AGENDA

02.10.2014

**SEMINÁRIO SOBRE EMPREENDEDORISMO**

14h30 / Auditório Vita

04.10.2014

**ASSINATURA DO PROTOCOLO COM O PROJECTO REFOOD**

10h00 / Rua dos Falcões

**INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE ACOLHIMENTO E DE EMERGÊNCIA SOCIAL**

11h00 / Rua do Alcaide

**INAUGURAÇÃO DA IGREJA DE S. PEDRO DE ESQUEIROS**

14h00 / Vila Verde

05.10.2014

**ABERTURA REGIONAL DO ANO ESCUTISTA**

10h00 / Vila Nova de Famalicão

07.10.2014

**ENTREGA DE PRÉMIO**

19h00 / Paço Episcopal

D. Jorge Ortiga entrega o prémio de melhor Tese do Mestrado em Economia Social à mestre Carla Martins.



**PROGRAMA SER IGREJA**  
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, D. Francisco Senra Coelho, bispo auxiliar da Arquidiocese de Braga.



Siga-nos no Facebook



### FICHA TÉCNICA

Diretor: Damião A. Gonçalves Pereira  
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Flávia Barbosa, Joana Araújo)  
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho  
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt



**FEYTOR PINTO**

**A VIDA É SEMPRE UM VALOR**

“A vida é sempre um valor” retrata o percurso de monsenhor Vitor Feytor Pinto ao longo de sessenta anos de sacerdócio. Octávio Carmo, jornalista da agência Ecclesia, conduz a entrevista na qual o livro se traduz. Envolvido desde muito cedo em grandes causas, Vitor Feytor Pinto foi coordenador da Comissão Nacional da Pastoral da Saúde durante 28 anos, demonstrando sempre uma enorme sensibilidade a favor da dignidade humana. A defesa dos direitos fundamentais de cada ser humano foi outra das lutas incessantemente travadas por esta figura incontornável da Igreja Católica. Esperança, sexualidade, o Concílio Vaticano II ou a revolução do 25 de Abril são alguns dos temas que marcam a entrevista realizada ao monsenhor. A segunda parte do livro-entrevista, à semelhança do que acontece com outros da mesma colecção, é constituída por textos do autor.

PVP  
€12,5

**10%\***  
Desconto

\* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 2 a 9 de Outubro de 2014.